

---

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A HIPÓTESE DA INTERINFLUÊNCIA ENTRE PENSAMENTO, CULTURA E LINGUAGEM

Celso FERRAREZI Jr.<sup>1</sup>

**RESUMO:** A hipótese do relativismo lingüístico, resultante dos estudos de Whorf, com base nas idéias de Sapir e Boas, e que supõe que a linguagem determina o pensamento, se configura problemática por vários aspectos facilmente destacáveis. As intuições que as idéias de Boas, Sapir e Whorf refletem, porém, podem ser organizadas em uma hipótese mais ampla que é designada neste trabalho como hipótese da interinfluência entre linguagem, pensamento e cultura. Para comprovar esta hipótese, colheram-se dados da língua moré, falada pelo povo moré, uma das etnias Chapakura, povos da Amazônia. Esses dados foram contextualizados culturalmente, através da apresentação de informações sobre a história e a cultura morés, bem como de categorias nativas utilizadas por esse povo que refletem sua visão de mundo, de forma a que se pudesse entender os valores do pensamento e da cultura morés expressos em sua língua. Através de três fatos estruturais da língua moré, pode-se verificar de que maneira a estrutura lingüística reflete os valores da cultura e do pensamento morés, atuando como forma de expressão e, ao mesmo tempo, de estabelecimento desses mesmos valores, de maneira que a própria língua acaba por influenciar o pensamento e a cultura, em um processo cíclico.

**RELATIVISMO:** Lingüístico; linguagem; cultura; pensamento; línguas da Amazônia; semântica.

### Introdução

O objetivo deste trabalho é revisitar a idéia whorfiana de que a linguagem determina o pensamento, idéia esta que pode ser considerada uma ampliação dos postulados anteriormente lançados por Boas e Sapir. Conhecida posteriormente como *hipótese Sapir-Whorf*, ou como *hipótese do relativismo lingüístico*, esta idéia de determinação encontra sérias restrições, mesmo se nos baseamos nos exemplos dados nos estudos do próprio Whorf. O resultado desta revisita é uma ampliação da proposta de Whorf, postulando-se uma hipótese de interinfluência cíclica entre pensamento, cultura e linguagem. A comprovação empírica desta hipótese, pretende-se, deve ser possível em qualquer língua. Utilizo neste estudo, porém,

---

<sup>1</sup> Do Centro de Pesquisas Lingüísticas da Amazônia - CEPLA, órgão do Campus de Guajará-Mirim da Fundação Universidade Federal de Rondônia. 78957-000 - Guajará-Mirim, Rondônia, Brasil.

a língua moré, da família Chapakura, da Amazônia, cujas características estruturais se configuram especialmente adequadas ao que se propõe.

## 1. A Hipótese Sapir-Whorf

É conveniente, para abordar a hipótese Sapir-Whorf, retroceder um pouco no tempo até Boas. Este autor (1911) afirmava que, uma vez que o conjunto de experiências humanas difere de povo para povo, as línguas se constituem como sistemas classificatórios diversos, em função das necessidades de expressão virtualmente criadas em cada comunidade lingüística. Assim, para Boas, as línguas possuem embutido em si um princípio de classificação da realidade, mas, a despeito disso, são as diferentes experiências de uma comunidade que acabam por gerar diferentes formas lingüísticas. Embora levasse em conta esta diferença entre as formas de expressão e de classificação, Boas considerava que apenas uma fração do que o falante constrói mentalmente, como sendo seu conceito global do objeto, é expresso na fala. Dessa forma, além de classificatórias, as línguas eram consideradas por Boas como sistemas altamente seletivos e econômicos, que determinam escolhas a uma comunidade lingüística.

As idéias de Boas foram aprofundadas por Sapir, seu discípulo mais ilustre. Assim como seu mestre, Sapir (1921,24) cria que as línguas são realmente sistemas classificatórios, mas deu mais ênfase ao fato de que esses sistemas são construídos segundo determinações coletivas. Além disso, Sapir acrescentou às idéias de Boas o postulado de que cada língua possui uma estrutura sistêmica diferente que determina, em função de sua completude formal, que tipos de classificações serão por ela realizadas. Então, se uma língua é uma forma de atuação social, os padrões estabelecidos em sociedade nela são repetidos, mas vinculados à própria estrutura orgânica do sistema. Em uma passagem memorável, Sapir argumenta:

*“the instrument makes possible the product, the product refines the instrument” ( 1921)*

Este asserto expressa um dos mais significativos progressos de Sapir em relação à teoria de Boas: o fato de que a influência entre o pensamento

(social) e a linguagem (sistema lingüístico) ocorre, não em uma via de mão única, mas mutuamente.

Whorf, aluno de Sapir, abandona esta última parte da doutrina sapiriana e estabelece que a linguagem atua determinantemente sobre o pensamento e, conseqüentemente sobre as ações humanas. Ele mantém, porém, a idéia de que é através da completude formal aludida por Sapir, completude esta que reflete as peculiaridades orgânicas da língua, que esta influência se dá. Embora ele mesmo não o tivesse dito claramente, a obra de Whorf (1939) sugere que cada língua cria um padrão distinto de pensamento no povo que a fala.


Essa proposição, chamada de *hipótese Sapir-Whorf*, embora tenha tido sua maior defesa apenas em Whorf, claramente é o desenvolvimento de uma idéia mais ampla e genérica de que a linguagem, mais especificamente, os sistemas lingüísticos, foram os elementos primordiais no processo evolutivo humano e responsáveis pela distinção entre o homem e os símios. O raciocínio pilar é bastante simples: uma vez que o sistema lingüístico é capaz de determinar o comportamento do ser que o usa, a criação do primeiro sistema lingüístico teria sido o marco inicial em uma longérrima mudança comportamental dos antepassados humanos e o primeiro e decisivo passo na separação das raças e na determinação de seus comportamentos tão distintos.

Muitas objeções podem ser levantadas à essa proposição de explicar a capacidade humana de linguagem e a evolução da espécie. Creio que três dessas objeções, entretanto, merecem uma atenção especial. Destaco-as e comento-as a seguir:

a. a hipótese Sapir-Whorf não apresenta resposta clara para o fato de que línguas com padrões formais semelhantes não geram, obrigatoriamente, padrões culturais semelhantes entre os povos que as falam. Se houvesse uma determinação tão forte como Whorf postula, uma semelhança mais estreita de padrões culturais seria esperada, por exemplo, entre os habitantes das diversas comunidades falantes do português ou do inglês. Entretanto, não se constata haver tanta sintonia cultural assim entre os falantes do Brasil e de Goa, ou entre os falantes norte-americanos de Nova Iorque e os falantes da Guiana;

b. embora seja clara a questão de que cada língua funciona como um depósito cultural *sine qua non* na construção do inconsciente

coletivo e da visão de mundo de uma comunidade, a percepção que os homens têm do mundo pode ser igualmente explicada por fatores que vão do biológico ao puramente social. Isso merece explicação mais apurada. Vejamos:

Um índio moré aprende, em sua cultura, que a árvore do tipo X tem como nome , “o pacu come”. Este nome, na verdade uma metáfora funcional<sup>2</sup>, leva a criança moré, desde a primeira vez em que o ouve, a formular uma questão inicial acerca do objeto, que poderíamos definir como sendo “por que esse objeto leva esse nome?” e, a partir dessa questão, a entronizar um conhecimento prático bastante importante para sua nação, porque referente à sobrevivência, que é a busca e a consecução de alimento. Assim, se o pacu se alimenta dos frutos desse tipo de árvore, e se os moré alimentam-se de pacus, a presença de tal planta na beira de um rio ou lago pode indicar a presença de pacus, e isso está implícito na metáfora que nomeia a própria árvore. Entretanto, a língua moré tem sido substituída pelo espanhol nos últimos cem anos, e essa mesma árvore passou a ser conhecida entre os morés como “canduru”, o nome espanhol. O fato é que os morés não perderam o conhecimento de que os pacus se alimentam dos frutos do canduru, porque a prática cotidiana da pesca induz à necessidade desse tipo de conhecimento, mas tal informação perdeu seu registro lingüístico e, agora, são necessários outros meios que conduzam à indagação inicial que levava ao conhecimento da serventia do objeto determinado. É por essa razão que qualquer empréstimo lingüístico constitui-se, a despeito da aparência de “ganho”, em uma perda incalculável para a cultura e a identidade de uma comunidade qualquer.

Isso induz à conclusão seguinte: não há provas claras de que cabe exclusivamente à linguagem determinar ou sequer ordenar a percepção que temos do mundo, embora ela possa ajudar nesse processo de construção mental;

c. a hipótese whorfiana não explica o fato de ser possível, a qualquer ser humano normal, aprender uma nova língua natural sem modificar substancialmente seus padrões culturais ou de pensamento.

<sup>2</sup> Introduzi o termo metáfora funcional em C. Ferrarezi Jr. (1997). Refiro-me ao tipo de metáforas criadas em uma comunidade de fala com uma função social, cultural ou mesmo lingüística específica, além da função de nomear um objeto determinado.

Se a linguagem é determinativa, uma nova língua deveria determinar novos padrões de comportamento. Não parece ser o caso. E isso também merece atenção especial. Whorf, como qualquer outro autor de enfoque materialista histórico, implicitava em seu texto que o desenvolvimento da linguagem e, mais especificamente, do sistema lingüístico pelos seres humanos teria sido o passo decisivo na bifurcação evolutiva que conduziu o homem para um lado e os demais símios para outro lado da evolução, uma vez que as conformidades biológicas e mesmo a postura não seriam suficientes para tal modificação. Entretanto, essa proposição teórica, pretensamente explicativa da atual condição humana, contém uma contradição interna ainda intransposta e que merece ser destacada em dois pontos básicos:

1. a ciência moderna já comprovou sobejamente<sup>3</sup> que o aprendizado de uma língua constitui-se em uma incrível acutização na utilização da estrutura biológica humana disponível de que resulta a capacidade de comunicação. Assim é que uma criança utiliza, nos primeiros meses de sua vida, uma gama muito maior de sons do que aqueles que virá usar quando, efetivamente, tiver incorporado o sistema fonético e o fonológico de sua(s) língua(s) materna(s). Da mesma forma, o espectro gestual de uma criança é muito maior nos primeiros anos de vida do que após a lapidação dos gestos e posturas imposta pela sociedade a ela. O aprendizado de uma língua, portanto, é uma ação que fere aos princípios básicos da teoria da evolução, porque constitui-se em uma “involução”, no sentido em que restringe o uso das capacidades naturais presentes no ser humano, principalmente se acreditamos que a filogênese repete a ontogênese. Parece claro que aceitar o desenvolvimento dos sistemas lingüísticos como um passo decisivo na evolução é ferir a idéia de “progresso” no desenvolvimento, ou ainda, pode consistir em aceitar que o homem tenha evoluído até um limite brutalmente superior ao atual e, depois, acutizado suas capacidades, o que cria altos e baixos inconcebíveis no processo de seleção natural da maneira como é apresentado pelos evolucionistas.

2. o segundo aspecto refere-se aos efeitos do aprendizado de outras línguas sobre o homem. Sabe-se que o aprendizado de outras línguas interfere no quociente intelectual dos indivíduos em ordens bastante significativas. Neste aspecto é que considero possível uma comparação,

---

<sup>3</sup> Sobre isso cf. D.I. Slobin (1980).

grosso modo, entre o computador e a mente humana - e basicamente só nesse aspecto: um computador que tenha uma capacidade *y* instalada, somente poderá dela fazer uso através da instalação dos programas adequados e utilização da linguagem artificial que permita o aproveitamento de tal capacidade *y*. Da mesma forma, a mente humana apresenta-se com um potencial surpreendente e sua utilização é otimizada com o aprendizado de novos sistemas lingüísticos. Ora, à luz dessas considerações, analisemos o que seriam duas das crenças centrais acerca da evolução do homem, segundo Farias (1971):

a. o desenvolvimento dos sistemas lingüísticos é parte de um processo evolutivo da humanidade;

b. a evolução das espécies resulta de um processo de adaptação que consiste basicamente no aprimoramento de uma capacidade biológica para sua utilização em determinada função vital.

Com base nesses dois fundamentos, poder-nos-íamos convencer de que a uma provável monogênese lingüística<sup>4</sup> permitiu, em função da evolução dos sistemas lingüísticos independentes, que esses mesmos sistemas viessem a tornar-se intercambiáveis. Que espécie de evolução biológica teria permitido, porém, a adaptação do conglomerado neurológico cerebral dos homens de forma a permitir a manutenção das estruturas arcaicas e o intercâmbio lingüístico dos sistemas recém-desenvolvidos? E faz sentido essa pergunta na medida em que se constata que as estruturas de linguagem que teriam pretensamente sido desenvolvidas por outras espécies, como das abelhas, formigas, cães, gatos, símios inferiores, etc., são simplesmente inintercambiáveis. Somente o ser humano é capaz de intercambiar diferentes sistemas lingüísticos. E isto está de tal forma previsto em sua estrutura neurológica que amplia as funções intelectivas inatas. Não parece haver resposta para isso se levamos em conta o fato de que o processo evolutivo deveria alterar as estruturas anteriores, promovendo uma adaptação progressiva do organismo e aprimorando as atividades intelectivas em uma direção única que deveria ser exatamente a direção da evolução do sistema lingüístico. Mesmo porque já se sabe, há muito, que o aprendizado de um sistema lingüístico interfere no desenvolvimento biológico do ser humano. Entretanto, a estrutura neurológica mental, independentemente do sistema lingüístico

---

<sup>4</sup> Cf. M. Ruhlen (1991).

adotado, é hoje a mesma em todos os seres humanos. Mais do que isso, todos nós mantemos a capacidade de aprender sistemas lingüísticos rudimentares e de intercambiá-los, embora não tenhamos mais a capacidade de correr eficazmente a quatro pés, como acredita-se que fizemos no período pré-“erectus”, respirar debaixo d’água, como no período pré-pulmonar, etc. Tal contradição poderia desfazer-se se pensarmos existir um derradeiro contra-argumento evolucionista neste tema.

Chomsky (1997) argumenta que a aparente diversidade dos sistemas lingüísticos parece estar-se desvendando em uma incrível simplicidade funcional, comum a todos esses sistemas e biologicamente determinada pelas estruturas neurológicas humanas. Assim, os sistemas gramaticais do português e do chinês, por exemplo, são, na verdade, muito mais parecidos do que se possa pensar, bastando, para tal constatação, apenas uma análise funcional mais acurada. Eu mesmo tenho trabalhado no intuito de demonstrar isso. Argumento alhures<sup>5</sup> que todos os sistemas lingüísticos conhecidos utilizam uma mesma estrutura subjacente de traços semânticos para superficializar as mais variadas construções gramaticais possíveis. Esse argumento pode levar a pensar que, na verdade, a estrutura biológica já desenvolvida pelo homem é que poderia ter diferentes utilizações no desenvolvimento dos sistemas lingüísticos. Em outras palavras: da mesma forma que o homem teria desenvolvido suas mãos com polegares opostos para manusear artefatos rústicos e, depois, acutizado suas potencialidades na lapidação de jóias ou na confecção de obras-primas da pintura, poderia ter desenvolvido o cérebro e, depois, acutizado suas funções. Mas, a pergunta que remanesce é: e com que finalidade se teria desenvolvido o cérebro de tal forma? Ou mais propriamente: com que finalidade a estrutura cerebral destinada à linguagem ter-se-ia desenvolvido, uma vez que os motes da evolução, deve crer-se, são *manter-se* e *perpetuar-se*? Às mãos, a teoria evolucionista atribui a necessidade de manusear objetos rústicos, e isso teria a ver com manter-se. Além do mais, nessa hipótese, os objetos já estariam lá presentes como motivos para o desenvolvimento e, aludindo novamente Sapir, ter-se-ia um caso típico em que o objeto refinou a ferramenta. E quanto ao cérebro, se a linguagem lhe é uma acutização como a lapidação de jóias o é para a as mãos, com que finalidade ter-se-ia desenvolvido? Os símos

---

<sup>5</sup>C. Ferrarezi Jr. (1998b)

inferiores e as demais espécies animais mantêm-se e perpetuam-se sem que para isso se lhes exija capacidade lingüística sequer assemelhada à do homem. Ademais, os diferentes sistemas lingüísticos - como instrumentos rústicos aprimorados no decorrer do tempo - deveriam ter gerado, em função da diversificação das línguas, diferentes evoluções neurológicas mentais nas diferentes raças, já então espalhadas pelo globo. Mas, isso não ocorreu.

Decididamente, ainda não há resposta para isso e, sinceramente, creio que não haverá, por uma simples razão: a estrutura neurológica cerebral humana responsável pela linguagem somente se pode justificar pela necessidade de comunicação lingüística entre esses seres, isto é, pela necessidade de aprender uma língua, o que pressupõe a existência dessa língua. E a acutização promovida pelo aprendizado de uma língua, como disse anteriormente, constrói um paradoxo evolucionista para a existência de uma estrutura tão mais complexa do que a necessária. A possibilidade de intercambiar os sistemas lingüísticos, por sua vez, demonstra que a estrutura neurológica presente não foi desenvolvida apenas com finalidades funcionais imediatas, mas prevista para uma utilização muito mais complexa e diversificada. Finalmente, as pesquisas de monitoramento computadorizado do córtex cerebral, há muito, apontam para uma utilização progressiva da área cerebral com o aprendizado de novas línguas - donde a substantiva otimização cognitiva verificada -, o que ratifica a idéia de que há muito mais potencial do que utilização do cérebro humano nessa área, o que é, a meu ver, o maior paradoxo existente na teoria evolucionista sobre o desenvolvimento da linguagem como fator decisivo na bifurcação evolutiva homem/símios, sobretudo se levamos em consideração a então inexistência do “instrumento língua” para motivar uma pretensa evolução. Creio que, embora não a tenhamos esgotado, para as finalidades desse artigo basta-nos a argumentação até aqui desenvolvida. Retornemos à hipótese whorfiana.

Desde seu estabelecimento, a hipótese de Whorf, portanto, talvez por sua vaguidade, possivelmente derivada do fato de a obra de Whorf não apresentar formulações mais esclarecedoras quanto aos fundamentos de suas idéias, tem sido abordada de forma igualmente vaga. Mas, creio que, como proposição teórica, ela nos fornece pistas interessantes que podem ser juntadas às idéias originais de Boas e Sapir para a montagem



de uma hipótese mais abrangente, descartado, é claro, o determinismo evolucionista que combati acima. Vejamos:

a. parece consensual que há um tipo qualquer de influência da língua, como sistema classificatório, sobre os atos praticados pela comunidade que a fala;

b. por outro lado, pode-se também notar que os atos praticados pela comunidade chegam a influenciar a língua dessa mesma comunidade;

Juntemos a estas duas idéias, postulados mais recentes, como os de Franchi (1977), baseado em Humboldt (1836), ratificados em Coudry (1988) e em Geraldi (1993):

*“Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva...Não há nada universal, salvo o processo - a forma, a estrutura dessa atividade. (Trata-se de) um sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui referências em que aquele se torna significativo.”( p.55)*

Esta idéia de constitutividade, de processamento contínuo, criativo, dinâmico, histórico, quase-estruturante, somada aos postulados de Whorf e seus antecessores, pode conduzir a uma nova hipótese, mais consistente, sobre o relativismo lingüístico.

## **2. A Hipótese da Interinfluência Cíclica entre Pensamento, Cultura e Linguagem**

Neste ponto, já posso expor com mais detalhes a hipótese central deste trabalho e, baseado nas conclusões colhidas até aqui, elaborar seus argumentos básicos, partindo para testá-los nos títulos subseqüentes:

*Hipótese da interinfluência entre pensamento, cultura e linguagem: pensamento, cultura e linguagem interagem, interinfluenciando-se de forma cíclica.*

São os argumentos básicos desta hipótese:

a. a cultura de uma comunidade é o conjunto de todos os instrumentos desenvolvidos por essa mesma comunidade, para conduzir controladamente as ações da própria comunidade. Cultura é, pois, toda a produção intelectualizada de uma comunidade humana qualquer (Geertz, 1970);

b. a cultura de uma comunidade é o reflexo do pensamento dessa comunidade, da visão que esta comunidade tem de seu mundo e de sua realidade nesse mundo (Lévi-Strauss, 1968);

c. a língua é o principal instrumento de que dispõe essa comunidade para expressar os valores de seu pensamento, sendo portanto o principal instrumento de estabelecimento da cultura (Lévi-Strauss, 1968, Posey, 1984, Hymes, 1966);

d. como instrumento de estabelecimento dos valores da cultura, a língua atua sobre a própria cultura, na medida em que a estabelece ou em que pode ser utilizada para refutá-la. Assim, a língua atua sobre o pensamento, por consequência;

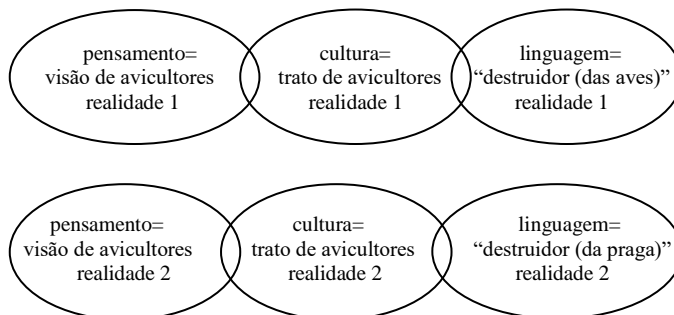
e. atuando sobre o pensamento e a cultura, a língua atua sobre si mesma, uma vez que é instrumento a serviço do pensamento e da cultura. Forma-se daí um processo cíclico de interinfluência entre pensamento, cultura e linguagem, de tal forma constituído que é tênue a linha de separação que permite ver mais claramente a influência de um sobre o outro.

Uma ilustração hipotética demonstra bem o que quero apresentar nestes argumentos básicos, Nos títulos subseqüentes procurarei, apresentando exemplos da língua moré, confirmá-los mais claramente:

*Em uma determinada língua L utilizada por uma comunidade C, com suas peculiaridades culturais, o nome estabelecido para um certo pássaro rapineiro é "destruidor". A rapina, nessa cultura, sempre foi mal vista, pois trata-se de um povo criador de galinhas e codornizes, e o pássaro recebe um nome que, na língua dessa comunidade, significa "aquele que destrói, que danifica". Esse nome tem, portanto, uma conotação ruim na cultura dessa comunidade.*

*As gerações que surgirem tenderão a ver o pássaro destruidor como nocivo, maléfico. Isto é a língua influenciando as novas gerações de falantes, mas porque já foi influenciada pelo pensamento e pela cultura anteriormente, no ato de nomeação do pássaro. Mas, digamos que, em um momento qualquer de sua história, essa comunidade seja afetada por uma praga de roedores que destroem as lavouras de milho, colocando em risco, mesmo a criação das galinhas e codornizes que dependem do alimento advindo daquelas plantações. O pássaro destruidor poderá assumir um papel importante no combate a essa praga e passar a ser visto como o “destruidor da praga”, ganhando uma conotação boa na cultura. O sentido da palavra que designa o nome do pássaro será modificado em consequência da mudança do pensamento e da decorrente mudança da cultura. As novas gerações receberão valores culturais diferentes expressos pelo nome do pássaro, pois o ciclo de interinfluência entre linguagem, cultura e pensamento atuou decisivamente.*

Podemos representar esse processo pelo seguinte esquema:



Nesse esquema, a interligação dos balões indica a inter-relação existente entre pensamento, cultura e linguagem, tanto sincrônica como diacronicamente. Cada um dos balões refere-se a uma realidade contextual e a seta com duas pontas indica que o movimento não é seqüenciado, mas cíclico, num ir e vir interinfluenciante. A seta de uma única ponta indica a direção cronológica, isto é, a passagem, no tempo, do primeiro ao segundo estágio de desenvolvimento.

Passemos agora a exemplos atestados na língua e na cultura morés.

### 3. Uma Pincelada sobre Cultura e a Língua Morés

O povo moré, da etnia Chapakura, da Amazônia, não é exceção aos demais povos indígenas da América, que passam por um flagrante processo de aculturação e conseqüente caboclicização. Estimado em quatro mil índios em 1950 e contando com cerca de cento e cinquenta indivíduos em 1969 (Grasso, 1982), esse povo vive atualmente na aldeia boliviana de Monte Azul, às margens do rio Azul, afluente do rio Guaporé. Dos quase duzentos indivíduos conhecidos atualmente, apenas cerca de dez, todos anciãos, falam a língua moré suficientemente bem para se constituírem como prováveis informantes. Os demais, ou entendem malmente o que os anciãos falam, ou nem sequer compreendem qualquer expressão na língua.

O processo de pacificação pelo qual passou o povo moré, atingiu também outras seis nações Chapakura, cujas línguas são dadas como extintas: kitemoka, napeka, torá, chapakura, urupá e yaru. Outras línguas permanecem temporariamente vivas: do miguelenho conhecese um falante idoso vivo; do kuyubi, um em mesma situação. As nações residentes no Brasil, às margens dos rios Laje e Pacaás Novas, no território do município rondoniense de Guajará-Mirim, são as que se encontram mais fora de risco, do ponto de vista das populações. Trata-se das nações oro wari (oro win, oro nao, oro mon, cao oro waje, oro waram, oro eo, oro waram txien e oro at). Algumas contam com quase mil falantes, como a oro nao<sup>6</sup>.

A língua moré possui a peculiaridade de ser isolante, segundo a tipologia humboldtiana (Humboldt, 1836). Os recursos utilizados por esta língua são pouco conhecidos, uma vez que diferentes dos que são utilizados pelas línguas aglutinantes e flexionais e já que não se tinha notícia anterior de descrição de outra língua natural puramente isolante. Vejamos, portanto, muito sumariamente, alguns aspectos da gramática do moré<sup>7</sup>:

Em moré não há quaisquer tipos de afixos ou clíticos, flexionais ou derivacionais. Todas as unidades mórficas são lexemas independentes, invariáveis e plenamente isolados, apresentando obrigatoriamente uma das quatro estruturas seguintes: #CV:# ([⊙u⊙] “o vento”), #CVC# ([⊙⊙⊙] “o osso da perna”), #CVCV:# ([⊙⊙⊙■⊙] “o caminho”) ou #CVCVC# ([⊙⊙⊙)(■⊙⊙] “a onça”).

<sup>6</sup> Segundo dados da Superintendência Regional da Funai em Guajará-Mirim fornecidos em 1996.

<sup>7</sup> Para uma explicação mais detalhada cf. C. Ferrarezi Jr. (1998a).

O moré, como as demais línguas Chapakura e quaisquer outras, usam a concordância e a regência como recursos convencionais para garantir a inteligibilidade dos seus enunciados através da harmonização de traços semânticos subjacentes.

Assim como nas demais línguas naturais, o contexto da enunciação em uma língua puramente isolante é não só um auxílio para a interpretação do enunciado. Trata-se de um dos recursos mais importantes da língua para que o falante possa levar a interpretação a efeito satisfatoriamente, principalmente para a recuperação dos elementos elididos. E é justamente nesse contexto mínimo definido e compartilhado pelos interlocutores que se estabelecem os parâmetros do bom senso comum que servem de esteio para a construção e interpretação dos diversos enunciados, inclusive os poéticos, os mitológicos e os meramente figurativos.

Quanto a uma taxonomia lexical, diríamos que os lexemas do moré podem ser utilizados indistintamente na qualidade do que tradicionalmente chamaríamos de “verbos”, “nomes substantivos”, “nomes adjetivos”, “nomes adverbiais”, “locativos”, etc. Ou seja, os lexemas dessa língua possuem um sentido original abstrato que é gramaticalizado como “nome” dos diversos tipos ou “verbo”, etc., única e exclusivamente no nível do enunciado. Exceção a esta característica “ataxonômica” dos lexemas Chapakura pode ser feita àqueles que designam significados meramente gramaticais, ou seja, àqueles que parecem existir em função da estrutura da língua, de sua gramática, e que exprimem significados como pessoa gramatical, interrelação entre os sintagmas, elementos de um sintagma ou sentenças, etc. A esses lexemas igualmente isolados e independentes poderíamos, com propriedade, chamar de *conectivos gramaticais*. Entretanto, aos outros, não lhes cabe nenhuma das designações tradicionalmente encontradas nos manuais. Houvemos por bem designar as únicas duas classes de lexemas dessas línguas, portanto, de:

1. *classe aberta* - à primeira, com significados exteriores à estrutura gramatical da língua. Esta classe, como é próprio das classes ditas nocionais, cresce ou diminui em número de elementos com o desenvolvimento histórico da língua;

2. *classe fechada* - à segunda, composta por cerca de dez lexemas, cujos significados têm natureza gramatical. Trata-se de um paradigma mais rígido, uma vez que não há a necessidade de alterações em seus elementos ou

de acréscimos, visto que a estrutura atual da língua é suficiente para a expressão cabal do pensamento e da cultura de seus falantes.

Uma terceira classe poderia ser considerada, mas não no nível lexical. Trata-se da classe dos “pronomes”. Na verdade, essas línguas não possuem lexemas pronominais simples, entendido o pronome em sua acepção tradicional. Há grupos, parcialmente cristalizados nessa língua, de lexemas que funcionam como anáforas, catáforas ou determinantes nominais. Conviria considerá-los como uma espécie de “classe sintagmática”.

Uma vez que a língua não possui uma morfologia interna significativa e já que somente existem morfemas lexicais indecomponíveis, não há componente lexical com regras morfológicas cíclicas alternando-se com regras morfológicas de inserção de morfemas. Podemos, portanto, considerar que, em moré, o *input* do componente lexical vazio coincide com o *input* do componente pós-lexical.

Estas brevíssimas observações sobre a estrutura da língua moré serão suficientes para entendermos os exemplos comprobatórios da hipótese de interinfluência entre pensamento, cultura e linguagem. Passemos a eles.

#### 4. Atestando a Interinfluência entre Pensamento, Cultura e Linguagem

Há, pelo menos, três fatos estruturais da língua moré - mas, não exclusivos a ela - que servem de forte argumento para comprovar a hipótese até agora defendida. São eles:

1. as concordâncias reveladas através das palavras gramaticais;
2. as construções figurativas e;
3. as gramaticalizações de pressuposições mitológicas em paráfrases de nomes próprios.

Vejamos uma a uma:

##### 4.1. Concordâncias

Observemos o exemplo abaixo:

3.



[a onça ][apontativo de objeto/ passado / neutro [o jacaré]]]

Apresentado na ordem sintática direta portuguesa, este exemplo parece claro em função de sua tradução para o português, língua que tem uma sintaxe de ordem rígida. Mas, em moré, como quase não há restrição à ordem dos termos nesta sentença, ela pode apresentar outras formas naturais:

- 4.
- 5.
- 6.
- 7.

etc.,

todas paráfrases perfeitas de 3, “a onça caçou o jacaré”, e nunca com o significado “o jacaré caçou a onça.” Como a inteligibilidade deste enunciado é garantida? Com base no recurso da concordância. Os lexemas , associam-se em função de seus sentidos “apontativo de objeto”, “tempo passado” e “marca de gênero neutro”, em uma estrutura “verbal” composta que indica que “um referente de gênero neutro foi alvo de alguma ação no tempo passado”, que tem sentido em função dos dois outros nomes presentes na sentença.

Uma pergunta que parece imediata é “de onde vem a idéia de caçar?”. Pragmaticamente, estabelece-se em todas as línguas que a economia enunciatória é, sempre que possível, um recurso bem vindo. No moré, o apontativo de objeto, quando aparece só na sentença, tem seu significado atribuído em função da ou das relações empiricamente conhecidas ou culturalmente determinadas entre o elemento agente e o elemento paciente da sentença. Quando isso não é possível, aparece o lexema ou conjunto de lexemas específico necessário à interpretação. Em português, algumas palavras assumem esta mesma característica polissêmica do apontativo moré, como ocorre, por exemplo, com a palavra “coisa”, utilizada na qualidade de verbo em:

1. Mãe, olha aqui o Joãzinho que está me *coisando*! (no sentido de chateando, atazanando)

2. Pára de *coisar* essa televisão, menino! (no sentido de mexer, fuçar)

3. Joãzinho *coisou* a Mariazinha e ela engravidou... (no sentido de copular)

4. Essa mania de ficar *coisando* as coisas dos outros ainda acaba com esse moleque. (no sentido de mexer sem permissão, vasculhar ou fuçar)

Assim, como os dois nomes presentes na sentença são de seres naturalmente caçadores, mas que também podem ser caçados, atribuir o sentido de caçar ao apontativo, neste caso, tornou-se um estatuto pragmático da língua e cabe à determinação do gênero de cada um a definição de quem foi caçado (e de quem caçou, por consequência).

Em uma oração tipicamente transitiva do moré, o nome que assume a função que em português chamaríamos de verbal, vem associado a um lexema do mesmo gênero do objeto. O nome para onça é masculino; o nome para jacaré é neutro. Assim, somente se pode interpretar esta sentença como significando “a onça caçou o jacaré”, independentemente da ordem em que os termos sejam apresentados, se se conhece o gênero dos nomes nucleares  $\text{onça}$ , e  $\text{jacaré}$ . Mas, se a língua não possui qualquer tipo de afixação ou flexão de gênero, ou seja, se as palavras do moré são totalmente isolantes, logo, invariáveis, de onde vem a informação de que  $\text{onça}$  é masculino e  $\text{jacaré}$  é neutro? Da cultura.

Na mitologia moré esses traços culturais determinados na língua são revelados através da constituição de mitos e lendas. A onça, por exemplo, aparece na mitologia como sendo um homem castigado e transformado em animal, e o jacaré um dos seres assexuados e estéreis que o deus peixe mantinha sob sua custódia (uma espécie de eunuco das profundezas, algumas vezes aludido como sendo uma mulher estéril). Hoje, mesmo que os falantes do moré desconheçam sua mitologia e aceitem tacitamente o gênero dos nomes da língua, como o fazem os falantes do português, pode-se verificar a influência da cultura sobre a forma gramatical e da forma gramatical sobre o pensamento, uma vez que os referentes têm mais probabilidade de serem vistos como espécies que refletem o gênero de seus nomes.

#### 4.2. Construções figurativas



Segundo Greimás & Courtés (1979) e Black (1954-55 e 61), uma construção figurativa na língua é uma operação definível nos termos de uma *função*. No caso de uma metáfora, a função exigirá que o sentido de um elemento de um paradigma semântico seja transferido para um elemento de outro paradigma semântico. No caso de uma metonímia, a transferência de sentido dar-se-á entre elementos de um mesmo paradigma. Esta forma de ver tais funções como operações entre ou dentro dos paradigmas nada mais é do que uma representação das relações de transferência de sentido por similaridade (metáfora) e por contigüidade (metonímia) da Semântica estruturalista. Mas, a pergunta que deve ser feita é: quem ou o quê estabelece esses paradigmas? Creio haver suficientes provas de que é a cultura que os estabelece.

Na língua moré, como os lexemas básicos (ou simples) são poucos, em função de sua natureza isolante, e, em conseqüência, os lexemas compostos pela combinação dos lexemas básicos são em número muito maior proporcionalmente, a língua recorre demasiadamente às construções nominais figurativas. Assim, seja para nomes comuns de seres, antropônimos, topônimos, etc., temos quase sempre uma combinação que gera uma figura. Um dos desafios a que me propus foi verificar, junto aos informantes, o que, para eles, se constituía num empréstimo de significados entre elementos de paradigmas diferentes e o que se constituía num empréstimo de significados entre elementos do mesmo paradigma. Alguns dados são especialmente significativos:

8. ☉○☉☉☉☉ / ☉◆☐☉★&☉☉  
 [ areia / cabeça ]  
 “corvina de água doce”

Para nossa cultura, isto poderia ser considerado como uma metáfora entre peixe e areia, ou até, em última análise, como uma mera descrição do fato de que este tipo de peixe possui duas pequenas pedras de cálcio em uma cavidade do osso occipital. Mas, para os morés, que consideram este tipo de peixe como um dos elementos mitológicos que nasceram da areia da praia, trata-se de uma metonímia. A cultura e o pensamento moré estabelecem uma relação de contigüidade entre este peixe e a praia que forma um único paradigma identificável. O mesmo acontece com

9. ☉♦)(♦)(○ / ○☉)(○☉●☼  
 [está deitado em/ areia]

nome dado a certo pássaro de hábitos praianos (“cuyabo” da praia), igualmente considerado um dos seres nascidos das areias das praias do rio Azul.

Como se pode notar, também aí se nota a interinfluência entre a linguagem e pensamento. Aquela expressa as idéias sobre o mundo, idéias que compõem o pensamento da comunidade que a fala. Por sua vez, essas idéias aceitas e refletoras da visão do mundo pelos morés (ou seja, o pensamento) interferem na cultura.

Uma das formas mais interessantes e notáveis de interferência nos hábitos culturais por parte da língua é a indicação indireta, através dos nomes dos seres, da tecnologia mais própria para ser utilizada na realização de certa tarefa e dominada pela comunidade de fala. Quando o nome de um animal mostra que ele vive na praia ou no alto das árvores mais altas da mata, este nome dá ao caçador do animal pistas interessantes sobre que tipo de tecnologia deve ser utilizada para a caça. O mesmo se dá quando o nome de um rio indica que suas águas são turbulentas, o nome de um lugar indica que seu relevo é rochoso e íngreme, ou o nome de uma comida indica que ela deve ser assada, cozida ou comida crua. Em todos esses casos, a língua traz em si informações funcionais significativas à cultura e que refletem a forma como a comunidade vê seu próprio mundo.

#### ***4.3. Gramaticalizações de pressuposições mitológicas***

Em uma cultura como a moré, em que os mitos e lendas estavam muito vivos na alma dos falantes até há bem pouco tempo (e que, aliás, ainda o estão, na alma dos cerca de dez anciãos restantes), muitas vezes, é possível ver como elementos da cultura refletem-se na estrutura gramaticalizada para uma determinada sentença ou nome próprio<sup>8</sup>. Narro aqui um fato interessante ocorrido em uma das sessões de coleta de dados com o informante principal. Veja-se o dado abaixo:

<sup>8</sup> No sentifo fregeano; cf. G. Frege (1978)

10.

[jaguaririca (caçar + arara)] / caçar / passado / masculino / arara]  
 “A jaguaririca caçou a arara.”

Esta sentença foi dada como paráfrase do nome composto “jaguaririca”, que significa literalmente “caçar arara”. O fato interessante desta sentença é que o tempo gramatical expresso é o passado e não um tipo de presente contínuo, como ocorre na grande maioria dos exemplos de paráfrases de nomes compostos colhidos. Isto se explica de forma muito interessante. Os nomes para jaguaririca e para arara foram atribuídos, segundo os informantes, de forma mítica, em um passado remoto, definido pelos morés como “ancestral”. O nome da jaguaririca deve-se, segundo eles, ao fato de ela ter caçado uma arara em especial (que por sua vez era um guerreiro transformado em ave), e não por ela ser um animal destro caçador de araras ainda hoje. Esse fato mitológico é que obrigaria o verbo ao passado.

Este dado apresenta de forma bastante interessante a interinfluência que venho defendendo. As alterações gramaticais às quais o falante se obriga ao montar esta sentença parafrástica, como a determinação do tempo gramatical passado, não podem ser justificadas de outra forma que não pela influência da cultura na forma da língua, o que resulta em uma influência no - e já um reflexo do - pensamento de quem usa essa língua como falante nativo. Este dado moré remete ao fato de que o falante somente pode usar sua língua coerentemente se este uso obedece aos padrões culturais em que esta língua se insere e para os quais ela foi, de certa forma, desenvolvida e está devidamente adaptada.

Ao construir uma sentença em moré ou em outra língua qualquer, para descrever um determinado objeto, é imprescindível que o falante parta de sua visão cultural do objeto para descrevê-lo usando o sistema lingüístico como instrumento nessa descrição. É por isso que uma representação lingüística do significado do nome da jaguaririca na cultura e na língua morés obriga o verbo ao passado. É por isso, também, que as línguas que utilizam o sistema gramatical de classificadores nominais na estruturação de suas concordâncias

internas exigem dos falantes que aprendam a enxergar o mundo em conformidade com a visão cultural expressa na língua. Para falarmos em yanomami, por exemplo, em que os classificadores são representativos da forma física dos objetos, a construção de uma sentença exige um tipo de visão do mundo que não tem a menor importância em inglês ou português. Para construir a frase yanomami correspondente à portuguesa “A canoa está no rio.”, precisamos saber a que grupo de nomes “canoa” e “rio” pertencem, em função de sua conformação física aparente ou culturalmente estabelecida. Em português ou inglês isso não tem a menor importância gramatical. E por que digo “conformação física aparente ou culturalmente estabelecida”?

Como argumentei alhures (Ferrarezi Jr., (1998c), é com base no pensamento e na cultura de uma comunidade que esta realiza a constituição dos paradigmas utilizados no sistema lingüístico. Inserir dois quadrúpedes ou duas árvores ou duas flores em um mesmo paradigma parece um ato quase natural, porque as semelhanças aparentes entre os elementos desses conjuntos são tão evidentes que dispensam maior atenção. Certos seres ou objetos, entretanto, não permitem tal classificação óbvia. Um bom exemplo disso ocorre na cultura yanomami, segundo a qual avião e canoa pertencem ao mesmo paradigma e recebem idêntico afixo classificador. Isso se dá, não porque avião e canoa são meios de transporte, mas porque o “corpo” do avião, segundo os yanomami, tem a mesma forma física do “corpo” da canoa. Para chegar a tal conclusão, os yanomami tiveram que filtrar culturalmente sua visão de um avião de tal maneira que as asas, a cauda, as turbinas ou hélices, as rodas, tudo isso foi desprezado em função da forma de “canoa” do corpo de uma aeronave cortado longitudinalmente ao meio. Nesse caso, a classificação não foi estabelecida em função de aspectos meramente aparentes, muito menos o foi de forma evidente a qualquer cultura, mas com base nos princípios culturais interpretativos do mundo utilizados pelos yanomami na constituição de seus paradigmas lingüísticos, uma vez que, nessa língua, todos os nomes têm que ser classificados.

É bastante provável que no desenvolvimento natural da língua yanomami esses aspectos aglutinantes se flexivizem, de tal forma que esses classificadores, atualmente bem distintos, venham

a fazer parte da estrutura dos lexemas de tal forma que os futuros falantes não possam mais neles reconhecer a origem cultural, do mesmo modo que acontece com a maioria dos falantes - não filólogos - das línguas neolatinas. Mas, de forma alguma isso indica que a constituição dos paradigmas dessa língua não adveio de aspectos do pensamento e da cultura dos povos que as originaram ou desenvolveram.

## 5. Conclusão

Na hipótese que defendi neste trabalho, as palavras-chaves são *influência* e *ciclicidade*, diferentemente da hipótese whorfiana, que defendia a determinação unilateral da linguagem sobre o pensamento. Penso haver um ganho descritivo bastante grande com esta nova hipótese em relação aos fatos observáveis nas línguas naturais, como demonstrei através do moré. Esta hipótese permite, entre outras coisas, dar respostas às três restrições que fiz no título 1 à hipótese de Whorf. Mais do que isso, ela permite explicar relações funcionais entre a linguagem e os fatos culturais de um povo, bem como entre a linguagem e o padrão de pensamento de cada comunidade. O poder previsivo da hipótese também é muito maior em relação ao da teoria proposta por Whorf.

Outro ganho que considero significativo é a acolhida que esta hipótese dá à separação, comum na Antropologia e na Sociologia modernas, entre cultura e pensamento, o que não ocorre na hipótese whorfiana.

FERRAREZI Jr., Celso (1999). *Considerations about the hypothesis of the interinfluence among thought, culture and language*. INSTRUMENTO CRÍTICO. Vilhena, 2: 135-156, 1999.

**ABSTRACT:** The hypothesis of linguistic relativism, resulting from Whorf's studies, with basis in Sapir's ideas presupposes that language determines thought, becomes problematic in various aspects, among them, in its vagueness. The intuitions that are reflected in the works of Boas, Sapir and Whorf can be organized in a broader hypothesis that is designated in this work as the mutual influence between Language, Thought and Culture. To prove this hypothesis, data has been collected of the More language, spoken by the More people, one of the ethnic groups Chapakura of the Amazon. This data has been culturally contextualized through the presentation of information about the More history and culture, as well as how native categories utilized by this people that reflect their world-view, in such a way that values of More Thought and Culture could be understood as expressed in the language. Through the three

presented structural facts of More language, one can verify the reflection of the values of More Culture and Thought, as they act as a form of expression and even establish those same values as the Language itself influences Thought and Culture in a cyclical process.

**KEY-WORDS:** Linguistic relativism; hypothesis; language; culture; thought; amazonian languages; semantics.

## 7. Referências Bibliográficas:

- BLACK, M. (1954-55). "Metaphor" in JOHNSON, M. (ed). *Philosophical Perspectives on Metaphor*. Minneapolis: University of Minnesota Press, sd.
- \_\_\_\_\_. (1961/1966). *Modelos e Metáforas*. Trad. ZAVALA, V. Madrid: Tecnos.
- BOAS, F. (1911). *Linguistics and Ethnology*. s.l.<sup>9</sup>.
- COUDRY, M.I.H (1986/ 1988). *Diário de Narciso: Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins Fontes.
- FERRAREZI Jr., C. (1997). *A Hipótese da Interinfluência entre Pensamento, Cultura e Linguagem*. Guajará-Mirim: WPAL/UNIR.
- \_\_\_\_\_. (1998a). *A Interface Semântica/Morfossintaxe*. Tese de Doutorado. Guajará-Mirim: UNIR/University Of Pittsburgh.
- \_\_\_\_\_. (1998b). *Os Recursos Para a Manutenção da Inteligibilidade do Enunciado: Um Estudo da Interface Semântica/Morfossintaxe Através de uma Língua Isolante*. Vilhena: Conferência apresentada no IV Seminário de Estudos Lingüísticos e Literários.
- \_\_\_\_\_. (1998c) *Metáfora e Metonímia: Uma Análise Através de Paradigmas Semânticos*. Guajará-Mirim: WPAL/UNIR.
- FREGE, G. (1978). *Lógica e Filosofia da Linguagem*. Trad. e Seleção de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix.
- GEERTZ, C. (1970/1978). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GERALDI, J. W. (1993). *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- GRASSO, D.E.I. (1982). *Lenguas Indígenas de Bolívia*. La Paz: Ed. Juventud.
- \_\_\_\_\_. (1985). *Pueblos Indígenas de Bolívia*. La Paz: Ed. Juventud.
- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. (1979/1990). *Dicionário de Semiótica*. São Paulo, Cultrix, 1990.
- HUMBOLDT, W. von (1836/1949). *Über die Verschiedenheit des Menschlichen Sprachbaus*. Berlin: reed. Darmstadt, Claasen and Roether

---

<sup>9</sup>Este texto foi fornecido como material didático para discussão durante atividade letiva da Universidade Estadual de Campinas. Não me foi possível conseguir os demais informações bibliográficas.

- HYMES, D. H. (1961). "Linguistic Aspects of Cross-Cultural Personality Study" in B. Kaplan (ed.) *Studying Personality Cross-Culturally*. pp 313-59, New York: Harper and Row, sd.
- \_\_\_\_\_. (1966). "Two Types of Linguistic Relativity" in W. Bright (ed.), *Sociolinguistics*. Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964. The Hague: Mouton.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1968/1987). "O Uso das Plantas Silvestres da América do Sul Tropical" in *Suma Etnológica Brasileira*. Ed. Atual. do Handbook of South American Indians. Petrópolis: Darci Ribeiro (editor) et alii.
- POSEY, D.A. (1984/1987). "Etnobiologia: Teoria e Prática." in *Suma Etnológica Brasileira*. Edição Atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis: Darcy Ribeiro (editor) et alii.
- RUHLEN, M. (1991). *On The Origin of Languages*. Stanford: Stanford University Press.
- SAPIR, E. (1921/1971). "A Língua como Produto Histórico: A Deriva." in *A Linguagem*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- \_\_\_\_\_. (1924/1971). "O Gramático e a Língua" in *Linguística como Ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- SLOBIN, D.I. (1971). *Psicolinguística*. São Paulo: Edusp.
- WHORF, B. (1939). *Language, Pensamiento y Realidad*. ed Barral. (outras informações não disponíveis)<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Idem nota anterior.